

MULHERES NEGRAS E IMAGENS DE CONTROLE: DEBATENDO SOBRE APAGAMENTOS HISTÓRICOS

JOYCE SILVA CARDOSO¹; LARISSA PATRON CHAVES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – joycepsilvac@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado pela emergência de debates e discussões em diversas áreas da história. No que tange a historiografia, muitas discussões abordadas na época, têm-se mantido presentes, a exemplo da crítica acerca de uma História do Brasil cheia de apagamentos.

Ao longo dos séculos (entre XVI e XIX) testemunhou uma narrativa envolta de concepções euro-centradas, elitistas, sexistas, racistas, afinal, as elaborações sobre o Brasil eram observadas por estrangeiros. Sendo assim, apontando para uma exemplificação, Schwarcz (2019) chama atenção para o concurso do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro - IHGB ocorrido em meados do no século XIX, com a intenção de escrever uma História do Brasil, no qual o ganhador foi o cientista estrangeiro Karl von Martius. Ainda nesse sentido, a autora explica como as representações acerca do Brasil, tem sido historicamente construída a partir de olhares da elite, do estrangeiro, do masculino, da branquitude.

Nessa linha crítica que se estabelece com Schwarcz, o historiador José D'Assunção Barros (2014) aponta para a inseparabilidade da subjetividade e da construção de um conhecimento, afinal, refletimos a partir de nós mesmos, nossas concepções, posicionamentos teórico-metodológico, ou seja, através de "um olhar sobre si", como enuncia o autor. Partindo dessas percepções, é possível constatar a não neutralidade do conhecimento científico, assim como relações de poderes que se fazem presente na construção e produção de conhecimento.

Levando em consideração as perspectivas apresentadas, a autora bell hooks (2019), reforça o debate acerca do olhar a partir de si como uma tomada de posicionamento crítico, político, justamente pela nossa própria subjetividade, singularidade serem inseparáveis da relação "nós e mundo". No texto "Estudos feministas: acadêmicas negras", a autora comenta um pouco de sua experiência acadêmica, manifestando sua frustração no âmbito do debate científico acerca das percepções sobre mulheres negras:

Os acadêmicos geralmente falavam da experiência negra quando na verdade estavam se referindo somente à experiência dos homens negros. Significativamente, descobri que, quando se falava das "mulheres", a experiência das brancas era universalizada como representação da experiência de todo o sexo feminino; e que, quando se mencionavam os "negros", o ponto de referência eram os negros do sexo masculino. Frustrada, comecei a questionar os modos pelos quais os preconceitos racistas e sexistas moldavam e informavam toda a produção acadêmica que tratava da experiência negra e da experiência feminina. Estava claro que esses preconceitos haviam criado uma circunstância onde havia pouca ou nenhuma informação sobre as experiências características das mulheres negras. (hooks, 2019, p. 163).

Apesar de hooks realizar essa crítica dentro do contexto estadunidense, por conta de experiências comuns originadas com a colonização, dizimação de povos

e diáspora africana, realidades acabam se convergindo por conta desses atravesamentos, sendo assim, discussões semelhantes ocorrem no contexto brasileiro.

Nesse sentido, a historiadora Lélia Gonzalez (1984) pontua algumas discussões que percorrem a formação da sociedade brasileira e a situação da mulher negra nesse contexto, assemelhando-se as constatações de bell hooks sobre o apagamento de mulheres negras, além das percepções acerca de estereótipos e estigmatizações. A autora Patricia Hill Collins (2019), conceitua as imagens de controle sobre as mulheres negras, como uma forma de manter a subjugação da mulher negra, pois “imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexism, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana.” (COLLINS, 2019, p. 136). Sendo assim, as imagens de controle além de subjugar as mulheres negras, também são necessárias para manter as opressões interseccionais que, também, atravessam as construções do pensamento científico, uma vez que as imagens de controle também agem como impedimento na credibilidade de produções de mulheres negras.

2. METODOLOGIA

O levantamento de dados, acerca da produção científica opera como primeiro passo para a construção de debates. Nesse processo, passa a ocorrer a produção de sentido e conhecimento, a partir da relação de conhecimentos subjetivos e a pesquisa desenvolvida com base em textos, artigos e livros científicos que debatem o assunto escolhido. No que tange a produção desse texto, interesses como crítica a uma historiografia tradicional, pautando também uma perspectiva feminista negra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse segmento de ressignificações, têm-se buscado contribuir com a quebra de silêncios sobre mulheres negras que, também, são nomes importantes dentro de transformações sociais e, foram, sistematicamente invisibilizadas dentro da História do Brasil. Nesse sentido, uma iniciativa de popularização da história da participação de mulheres nos mais diversos contextos históricos tem auxiliado para repensar os caminhos tomados pela historiografia.

Sendo assim, personagem como Tereza de Benguela tem sido evidenciada principalmente, sob o ponto de vista político organizacional, de resistência à colonização e também intelectual. Portanto, revisitações históricas trazem a possibilidade de discutir, dentre muitas questões, apagamentos e invisibilidades que foram sendo mantidas na cultura. Afinal, com as pesquisas podemos contribuir para o desenvolvimento de práticas que nos direcione cada vez mais aos passos de uma equidade (de raça, gênero, sexo, que foi deslegitimada com a colonização).

4. CONCLUSÕES

É interessante notar que, dentro dessas novas produções historiográficas, silêncios acerca de mulheres negras e suas contribuições tem sido rompida, como é a constatação das contribuições políticas, estratégicas, forma política singular de organização realizadas por Tereza de Benguela ou, até mesmo em outras contribuições culturais de mulheres negras, como aponta Lélia Gonzalez, ao falar sobre as contribuições das mulheres negras na construção da História do Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, José D.'Assunção. **Teoria da História, vol. I: Princípios e conceitos fundamentais**. Editora Vozes Limitada, 2014.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Editora Companhia das Letras, 2019.